

**LIBERDADE**Roy David Frankel<sup>1</sup>

Recebido em: 30 jun. 2018

Aceito em: 17 dez. 2018

DOI 10.26512/aguaviva.v4i1.22140

Encostou o cano de sua arma na cabeça de Daniela e deu um tiro sorrindo. Não precisava mais dela. Espantada, ela que acabara de acordar caiu para trás com expressão de horror, olhos abertos e fundos. Ele estava com uma regata branca, agora manchada com o sangue de Daniela. Sentia-se mais vivo do que nunca. Passando o dedo na mancha que se formara em sua blusa ele provou o sangue ainda quente e sentiu aquela rubra gota de liberdade descendo por sua garganta. Estava terminado.

A situação se tornara insustentável. Enquanto ela dormia, ele ligou para um amigo e pediu ajuda. Ramirez era a pessoa certa para se procurar nessas horas, ele conhecia todo o submundo daquela cidade, traficantes, prostitutas, comerciantes de armas. Pediu uma espingarda, o calibre mais grosso que ele pudesse conseguir. Duas horas depois Alberto tinha em suas mãos a sua chave mestra, a chave que lhe traria a tão sonhada liberdade. Sabia exatamente onde ela morava, o porteiro que já o conhecia deixou-o subir. Arrombou a porta sem se preocupar com o barulho e foi diretamente para o quarto onde ela dormia. A luz do computador iluminava o seu rosto insone, havia dormido trabalhando no computador.

Alberto se levantou às 07:00 e foi no banheiro. Tomou uma ducha demorada. Arrumou-se, tomou café da manhã lendo o jornal e foi para o trabalho. Tudo conforme Daniela mandara. Mais um dia de reuniões, ligações, negociações... A apresentação não estava boa? Ele corrigia. O relatório estava incompleto? Ele fazia hora extra para terminá-lo. Um empregado exemplar. Estava voltando tarde quando percebeu que ela dormira. Seria hoje.

Não poderia ser descoberto, essa era a chave da questão. Precisava planejar todos os mínimos detalhes enquanto ela não percebia. Iria atacá-la enquanto dormia, não haveria tempo para nenhuma reação. Mas e se ela acordasse antes? Sentiu uma físgada no peito, Daniela não

---

<sup>1</sup> Graduação em Engenharia de Produção pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em Letras Português/Francês pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e Mestrado em Letras - Teoria da Literatura e Literatura Comparada pela UERJ (2015), com foco em Heidegger, Clarice Lispector e Hermann Hesse. É doutorando em Ciência da Literatura na UFRJ. E-mail: [royfrankel@gmail.com](mailto:royfrankel@gmail.com)



poderia suspeitar de nada ou ele seria liquidado. Como planejar tudo sem ela saber? Ela controlava todos os seus movimentos, sabia onde ele ia, com quem estava. Seria isso, em uma das noites em que ela dormisse trabalhando, ligaria para Ramirez.

Naquela noite, saindo do trabalho mais tarde do que o usual e sabendo que Daniela dormira, Alberto resolveu fazer algo diferente. Foi para um bar no subúrbio sobre o qual só ouvira recomendações para não ir. Chegando lá, o local tinha o estilo de um pub, vários bancos junto ao balcão, música alta, muita fumaça. Pediu uma caneca de cerveja e ao seu lado estava um homem alto, com um cavanhaque que se destacava, mal-encarado. Se chamava Ramirez, e ao olhar para Alberto abriu um sorriso e lhe disse: “Já estava lhe esperando”. Alberto achou aquilo muito estranho, mas como estava sozinho acabou conversando com ele. Apesar de seu semblante de poucos amigos, Ramirez se mostrou simpático e ao final se despediu dizendo, bem dentro dos olhos de Alberto: “Se você tiver algum problema que precise de uma solução rápida, pode me ligar”.

Sua vida inteira era ditada por Daniela. Seus gostos, suas vontades, tudo. Ele não podia fazer nada se não obedecer. Era o seu destino, a sua sina. Sabia que tinha que fazer alguma coisa para sair dessa armadilha de Sísifo. Mas o que? Como ela reagiria? O que aconteceria com ele? A raiva se acumulava em sua garganta, ele tinha dificuldades em respirar. Ela atribuía isso a uma crise asmática de Alberto, não percebeu que algo estava começando a ser diferente. Alberto viu sua mulher morrendo bem em sua frente de um ataque fulminante do coração, Daniela não o deixou chamar socorro. Ela queria fazê-lo sofrer, achava que só assim ele poderia verdadeiramente crescer. Um verdadeiro caráter se forma com grandes obstáculos, era uma receita que ouvira do seu avô e que era o seu mantra pessoal. Um dia encontraria uma mulher melhor, Daniela sabia que poderia providenciar uma nova mulher para Alberto e fazê-lo se apaixonar.

Daniela estava sentada em frente ao computador, pensando em seu próximo trabalho. Queria fazer algo que realmente fosse importante, que realmente tocasse as pessoas. Algo que fizesse seu nome ser lembrado por gerações. Teria que fazer o personagem sofrer, mas sofrer mesmo. Já tinha um nome para ele: seria Alberto.